



## A MOTIVAÇÃO ORIGINÁRIA DA TEOLOGIA WESLEYANA: O CAMINHO DA SALVAÇÃO

### *THE FOUNDATIONAL MOTIVATION OF WESLEYAN THEOLOGY: THE WAY OF SALVATION*

Rui de Souza Josgrilberg<sup>1</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-9456-0401>

#### **Resumo**

A teologia de John Wesley é tradicionalmente descrita como teologia da graça, mas pode ser igualmente entendida como teologia da salvação, ou do caminho da salvação. Essa perspectiva destaca o caráter existencial de sua experiência religiosa, em que graça e salvação se interligam. Entre 1725 e 1740, Wesley viveu intensa busca espiritual, alternando práticas devocionais rigorosas e insatisfação pessoal, até compreender que a salvação se sustenta pela fé mediante a graça. A metáfora da casa — graça preveniente, justificadora e santificadora — revela uma arquitetura salvífica que organiza a graça em função da salvação como processo vital. Assim, a teologia wesleyana nasce da prática e da experiência, articulando a graça como resposta às inquietações humanas e estruturando-se como uma teologia experiencial da salvação.

**Palavras-chave:** teologia wesleyana; John Wesley; teologia da graça; caminho da salvação; religião experimental.

#### **Abstract**

John Wesley's theology is often described as a theology of grace, yet it can also be understood as a theology of salvation, or more precisely, of the way of salvation. This perspective highlights the existential dimension of his religious experience, where grace and salvation are inseparably linked. Between 1725 and 1740, Wesley struggled with spiritual dissatisfaction despite rigorous devotional practices, until realizing that salvation rests on faith through grace. His metaphor of the house—prevenient grace as the porch, justifying grace as the entrance, and sanctifying grace as the interior—illustrates a salvific architecture. Thus, Wesley's theology emerges from lived practice and experience,

---

<sup>1</sup> E-mail: [ruijsruisj@gmail.com](mailto:ruijsruisj@gmail.com). Pastor metodista reformado da Igreja Metodista no Brasil. Diretor emérito da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista e professor emérito do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. Doutor em Ciências da Religião pela Universidade de Estrasburgo, França. Especialista em estudos wesleyanos e em fenomenologia. Artigo originalmente publicado na revista *Caminhando*, da Faculdade de Teologia da UMESP, São Bernardo do Campo, SP, em 2003. Como essa revista foi desativada e não está mais disponível on-line, o texto foi reeditado, revisado, levemente atualizado e publicado na revista *KWIIYA* para garantir o acesso a ele.

articulating grace as a response to human questions and structuring it as an experiential theology of salvation.

**Key words:** Wesleyan theology; John Wesley; theology of grace; way of salvation; experimental religion.

## Introdução

A teologia de John Wesley é, geralmente, descrita como uma teologia da graça. Isso faz justiça a um dos aspectos mais importantes de seu pensamento. Entretanto, essa não é a única maneira de bem caracterizá-la. Podemos também, e sem prejuízo, descrevê-la como uma "teologia da salvação" ou, para enfatizar mais ainda o aspecto existencial do caminhar, como uma "teologia do caminho da salvação". Não podemos esquecer, de outro lado, que salvação e graça são correlatas. Nesse caso, insistir demasiadamente na prioridade de uma sobre a outra pode resultar numa discussão bizantina. Nosso tema deverá ser ampliado para uma "teologia do caminho da salvação social"<sup>2</sup> e argumentar em favor de uma teologia que começa com a situação humana, nossas práticas e nossas necessidades pessoais e sociais que acabam envolvidas pela graça divina. Para esse fim temos que chamar a atenção para a questão que acompanha Wesley antes mesmo da teologia elaborada reflexivamente. Wesley, antes de refletir sistematicamente a teologia, experimenta sentimentos, angústia, preocupação profunda que afeta seu projeto de vida. E, antes de irmos direto à resposta de Deus à agitação espiritual que Wesley vive, devemos ater-nos mais à questão existencial que o atormenta nas décadas decisivas de seu questionamento religioso. Se aceitarmos que a teologia wesleyana é uma teologia que nasce da prática e Experiência vital, como devemos fazê-lo, e se observarmos que ela se constrói lentamente em torno da vida vivida concretamente, então o foco sobre Wesley se desloca para uma questão mais abrangente e mais humana, que serve de leito por onde corre a graça; isto é, partimos de baixo, de nossa humanidade sofrida e contingente, de nossas questões, de nossas Experiências e necessidades. A teologia da graça aparece já em resposta a uma questão que Wesley coloca para si e para Deus.

A questão que acompanha Wesley, e que alimenta sua motivação religiosa fundamental, sedimenta-se aproximadamente entre 1725 e 1740. Wesley procura o caminho da salvação e o modo de percorrê-lo. Sua vida oscila, balança entre uma vida que se contenta com as respostas religiosas apontadas em livros de devoção prática moderna (em obras como a de Kempis, Taylor, Law, a anônima Teologia germânica, entre outras obras, que ele procura seguir tomando decisões sérias e radicais a respeito do modo de vida que mais poderia agradar a Deus) de um lado, e, de outro lado, a insatisfação que experimenta intimamente com os resultados alcançados. A fé que ele já

---

<sup>2</sup> Este artigo deve muito aos diálogos que temos mantido com o Prof. Helmut Renders e que está preparando uma tese sobre a soteriologia social de Wesley. Muitas das idéias aqui apresentadas são comuns e deverão reaparecer mais ampliadas e aprofundadas no trabalho de Renders, que será concluído num futuro próximo. [Comentário do editor: trata-se de Helmut Renders (2006).]

vive não lhe satisfaz. Cada fracasso parece destruir tudo o que já foi alcançado. A experiência de que a salvação é um caminho que se sustenta somente pela fé, mediante a graça, trará a resposta para sua questão vital. A questão que nos preocupa é se devemos colocar na base de uma elaboração teológica a questão que nasce da vida ou da experiência que a responde. É indubitável que uma está implicada na outra. Pode sempre parecer que, na teologia, deveríamos partir da graça de Deus, de sua iniciativa, de suas condições, de seu horizonte. Não há dúvida quanto à superioridade da graça divina. Mas, o modo como nos aproximamos da graça divina nos oferece o jeito de como a recebemos e como a estruturamos em nosso pensamento. Na questão se devemos partir de cima, com a teologia da graça, ou devemos partir de baixo, com uma teologia que começa pela pergunta do caminho da salvação – no caso, da teologia de John Wesley – creio que devemos optar pela segunda possibilidade. Pensamos que, se não houver clareza sobre a pergunta que John Wesley faz, a resposta pode ser vista num quadro que perde a motivação originária do wesleyanismo. A motivação originária dá o sentido aos aspectos mais característicos da teologia wesleyana. O "caminho da salvação" é a questão existencial que sustenta a teologia da graça de Wesley e que lhe dá a estrutura particular que ela apresenta. A graça na teologia wesleyana é estruturada como um caminho de salvação. Usando a imagem da casa que Wesley propõe: o pórtico, a entrada e o interior da casa correspondem à graça preveniente, à graça justificadora e à graça santificadora. A disposição da casa e a escolha desses modos de graça (em detrimento de outras possibilidades) significam que a casa é estruturada com uma arquitetura salvífica. A disposição arquitetônica da graça, o modo de estruturação, é determinada pela salvação vista como um caminho a ser percorrido. É a vida como caminho e a salvação como modo de viver o caminho que fornecem a chave para se compreender a teologia da graça em Wesley. A teologia da salvação se funda na teologia da graça, se a vemos a partir da resposta que é dada à pergunta pela salvação. Porém, é a teologia da graça que se funda na teologia da salvação, se a vemos pelo modo como a graça se estrutura de acordo com a questão que se coloca.

Wesley, em sua teologia experiencial, procura responder o que é a salvação, como ela começa, como ela se desenvolve, como ela se aperfeiçoa e se plenifica, quais as consequências para a vida em comum dos que a praticam, quais os meios que dispomos para praticá-la, qual a evidência que temos dela, e outras interrogações que pudermos acrescentar. Assim, podemos afirmar que é a teologia experiencial da salvação que articula a teologia da graça em Wesley. Podemos dizer, pois, com propriedade, que a teologia wesleyana é originariamente uma teologia da salvação que articula sua visão mais elevada articulando-se como uma teologia da graça. Mas, a pergunta pelo caminho da salvação é mais originária e mais abrangente como uma teologia da salvação que contém no seu centro a teologia da graça,

## 1. Motivação e atitude originária do primeiro Wesley (1726-1738)

Para falarmos da motivação originária, temos que recorrer a uma interpretação de como surge a indagação teológica, suas manifestações e suas expressões primeiras. Precisamos, de início, evitar as interpretações que captam isoladamente um aspecto das origens sem atentar para o todo. É o caso, parece-me, das interpretações que jogam toda motivação wesleyana e do movimento metodista na experiência de 24 de maio de 1738, por exemplo. A alternativa é localizá-la no período wesleyano de Oxford. A constituição da motivação wesleyana remonta à infância de Wesley e se prolonga até a criação das sociedades. A infância e a primeira década, desde a época de sua ordenação, foram, assim pensamos, mais decisivas para o aparecimento do horizonte dessa teologia que as fases já de amadurecimento ou consolidação. Podemos adotar a divisão clássica do "primeiro Wesley" (1726-1738), do "Segundo Wesley" (1738-1765) e o "último Wesley" (1765-1791). A fase de constituição da motivação originária corresponderia à primeira. Aceitamos que haja diferentes ênfases, mas não concordamos com aqueles que afirmam haver grandes mudanças ou transformações teológicas. A motivação do movimento wesleyano foi a do cristianismo prático da salvação e seu desdobramento teológico se faz por uma teologia da salvação mediante a graça. E essa motivação pode ser resumida como a do caminho da salvação pela fé, mediante a graça. A motivação originária estaria no primeiro termo dessa expressão.

Devemos estar atentos às peculiaridades da linguagem wesleyana. Muitas de suas expressões mais importantes não trazem o sabor estético da pós-modernidade; em muitos casos, é estranha até mesmo à própria modernidade. É muito comum abandonar-se como irrelevantes, sem nenhum exame mais aprofundado, algumas expressões-chaves, simplesmente por não se enquadrarem mais em esquemas interpretativos de nosso gosto. Outras expressões podem ser, ao contrário, deslocadas de seu sentido propriamente wesleyano e serem interpretadas como totalmente aderentes a uma certa visão contemporânea, o que corta do pensamento wesleyano algumas de suas expressões mais agudas.

John Wesley viveu experiências religiosas no seio da família Wesley. Mais que a do pai, a presença de sua mãe Susana foi decisiva em matéria de religião. A educação dos filhos ficou a cargo dela. Quando o pequeno Wesley foi (milagrosamente) salvo do incêndio que destruiu sua casa, Samuel Wesley gritou: "Venham, vizinhos. Vamos ajoelharmo-nos. Agradecemos a Deus. Ele me deu todos meus oito filhos. Deixem a casa ir. Eu sou suficientemente rico". Já Susana escreveu no seu diário íntimo: "Quero ser particularmente cuidadosa da alma dessa criança, que o Senhor misericordioso tão providencialmente preservou. Farei todo meu possível para introduzir em sua mente os princípios da verdadeira religião e virtude. Senhor, dê-me a graça para fazê-lo sinceramente e prudentemente, e abençoe meus esforços para que dê resultados". Narra Wesley, muito depois, na época de sua experiência do coração aquecido, no seu Diário,

que aos treze anos já tinha como meta de sua vida "servir a Deus e chegar salvo aos céus". Evidentemente, nos *colleges* ingleses Wesley foi um jovem diligente e solícito em assuntos religiosos. Ainda que ele veja esses anos como o de uma certa dispersão e dissipação do tempo, buscava os ensinamentos que o "fariam sábio para a salvação". Por influência dos pais, desde muito cedo, quase precocemente, esteve muito envolvido em buscar o "caminho da salvação".

As frases "servir a Deus", "buscar o caminho do céu", "buscar o caminho da salvação" devem adquirir, em Wesley, um conteúdo mais preciso. Em Wesley, trata-se de uma luta de vida com todas as características próprias de quem está envolvido com a religião como o "tema de sua vida". Sua ansiedade e sofrimento permitem muitas visões. Qualquer que seja a interpretação dessas expressões, não se pode esquecer que se trata de uma vida inteira e não um fragmento dela. Essas frases não são apenas da infância ansiosa, pois o maduro, equilibrado, seguro, e muito bem educado Wesley, não as abandonará. Encontraremos o jovem Wesley, e logo o jovem professor da Universidade de Oxford e pastor ordenado, ainda preocupado em "encontrar o caminho do céu e da felicidade futura". O caminho para o céu não era uma questão secundária, escapista ou de uma ansiedade patológica. Descartar a frase por razão estética, ou teológica, ou psicológica ou sociológica pode ser fatal para uma boa compreensão de Wesley. A frase vem carregada de tensão existencial, escatológica, social. O caminho da salvação era a questão mesma de sua vida. Como Agostinho, Wesley encontrava-se no dilema vital de viver a vida com Deus ou viver a vida sem Deus. Wesley pergunta pelo caminho da salvação, para o céu, da felicidade vindoura, ou do serviço a Deus, como uma linguagem que também determina o destino do mundo. Para Wesley não basta estar "mais ou menos" no caminho. A questão de Wesley é de como estar no caminho, estando plenamente nele. O fato é que Wesley deu uma importância vital à sua expressão "caminho para o céu". Não se trata de um acidente biográfico ou um tema que logo seria superado pelo Wesley maduro (ainda que tenha de explicar melhor a expressão depois). Em outras palavras, "o caminho da salvação" será algo decisivo da teologia wesleyana. Ele parece definir uma atitude fundamental e uma motivação profunda do wesleyanismo.

Em Oxford, desde seus primeiros dias na cidade, Wesley decidira que a religião seria o assunto de sua vida. Após seus estudos (1724), com 21 anos, o jovem egresso do famoso Christ Church da Universidade de Oxford, vive uma série de momentos dramáticos e decisivos. Ordena-se diácono em 1725. Em 1725 começa a mais pura e de puras intenções e a "dedicar toda a vida (e não parte dela) como um sacrifício vivo a Deus". Em 1726 é eleito para um posto na Universidade (Fellow do Lincoln College) e no mesmo ano lê *A Imitação de Cristo*, de Tomás de Kempis. Reforça sua confiança em uma religião da graça<sup>3</sup>. Em 1727 lê dois livros de William Law sobre *A Perfeição Cristã* (1726) e o *Chamado*

---

<sup>3</sup> Wesley já é crítico de Kempis: "certamente foi uma pessoa muito religiosa, mas eu não estou de acordo com algumas de suas principais idéias. Eu não posso crer que quando Deus nos enviou a este mundo tenha decretado irrevogavelmente que seríamos infelizes. Se assim fosse, a busca da felicidade nesta vida seria um pecado e estaríamos atuando contra os desígnios da criação". [...] "Carta a Susana Wesley em maio de

*Sério para uma Vida Santa e Devota* (1729). Em 1729 propõe-se a estudar a Bíblia como única regra de fé a fim de alcançar a "mente de Cristo" e procurar andar como Cristo andou. Já tem a idéia de que o cristão deve assumir a "forma" de Cristo tanto externa como internamente.<sup>4</sup> A questão sobre o caminho da salvação adquire mais intensidade quando tem que decidir sobre seu futuro em relação à Igreja. Hesita se aceita ou não a ordenação como ministro da Igreja Anglicana. O conselho de Susana Wesley é fundamental. O pai, que a princípio também estava indeciso (talvez preferisse que John seguisse apenas como diácono e professor no Lincoln College) toma partido pela ordenação e lhe escreve uma carta famosa. Foi ordenado em 1728 pelo Bispo Potter. Como a vida de muitos outros grandes nomes do cristianismo, a vida de Wesley foi marcada por intensas lutas e buscas incessantes.

Em 1729 ocorre algo na vida de Wesley que não tem sido suficientemente estudado e valorizado. Em meio às suas buscas, ansiedades e possibilidades, Wesley resolve buscar ajuda de um conselheiro cujo nome permanece desconhecido. Sai de Epworth onde ajudava o pai, viaja por muitas léguas para encontrar-se com quem é referido apenas como um "homem sério" (*a serious man*). Wesley indaga a respeito de coisas que o afetam existencialmente. A resposta leitura de livros devocionais práticos.<sup>5</sup> Lê o livro do Bispo Taylor sobre Regras e exercícios para o viver e o morrer santos.<sup>6</sup> Decide buscar uma vida recebida tem um profundo e exemplar significado para Wesley e o seu futuro: "O senhor deseja servir a Deus e ir para céu. Lembre-se que o senhor não poderá servi-lo sozinho. Por isso o senhor deve encontrar seus companheiros; ou, então, fazê-los. A Bíblia não sabe nada de uma religião solitária".

Esse conselho não só não será esquecido por Wesley como terá um impacto em sua concepção da salvação pela graça e do modo como operá-la. Wesley, logo depois quando retorna a Oxford, encontra um grupo de amigos em torno a Charles Wesley, reunindo-se para estudos, reservando o domingo para a teologia. Wesley dará um sentido mais propriamente religioso ao grupo embora continuassem os estudos dos clássicos e de suas línguas. O conselho do "homem sério" encontra, então, um modo de prática imediata.<sup>7</sup> O grupo apelidado, entre outras coisas, de "clube santo" e "metodistas", decide visitar os

---

1725. Apud John Wesley (1996 [vol. 13, p. 19]. É interessante notar que Wesley comenta com sua mãe as leituras que faz das obras citadas acima e recebe dela comentários e esclarecimentos. Discute com ela não apenas assuntos religiosos, mas também assuntos filosóficos, como as idéias de Berkeley.

<sup>4</sup> Expressão semelhante à de Bonhoeffer.

<sup>5</sup> A mística moderna (*devotio moderna*) assume um caráter mais pessoal e mais prático que a mística antiga (*devotio antica*).

<sup>6</sup> Escreve no seu Diário (Journal) de 1725: "Lendo várias porções deste livro fui tocado particularmente pelos parágrafos que se referem à pureza de intenção. Imediatamente resolvi dedicar toda minha vida a Deus - todos os meus pensamentos, minhas palavras, minhas ações - ficando totalmente convencido que não há meio termo, mas que cada parte de minha vida deve ser ou um sacrifício a Deus ou a mim mesmo, o que dá no mesmo, ao diabo." As citações de Wesley serão feitas conforme a tradução espanhola em John Wesley (1996)

<sup>7</sup> É possível que as reuniões que Susana Wesley promovia em sua casa tenham antecipado algo do que os pequenos grupos significariam depois para John Wesley.

presos e os pobres. Criam procedimentos que implicam em mútua confiança, o que propicia um exame de consciência e de prática que manterão os membros do grupo atentos ao modo de viver. O conselho do "homem sério" reaparece em uma de suas primeiras publicações, o primeiro volume dos *Hymns and Sacred Poems*, quando escreve no prefácio:

Santos solitários' é uma frase tão pouco consistente com o evangelho quanto "santos adúlteros". O evangelho de Cristo não conhece nenhuma religião que não seja social; nenhuma santidade que não seja santidade social. "A fé que trabalha por amor é a largura, o comprimento, a profundidade e a altura da perfeição cristã". "Este mandamento recebemos de Cristo: quem ama a Deus, ame também a seu irmão [...]" (Wesley, 1996 [vol. 9], p. 231-24).

Este prefácio contém uma eloquente comprovação da motivação originária de Wesley em buscar o caminho da salvação caminhando com os companheiros. Também mostra a preocupação de Wesley em franquear o caminho para todos.

Este então é o caminho: caminhe por ele, quem quer que vocês sejam, mas que crêem no nome de Cristo. Vocês sabem: 'ninguém pode por outro fundamento além do que já foi posto: Jesus Cristo'. Vocês sabem também que foram salvos pela graça mediante a fé; salvos do pecado por "Cristo nascido em seus corações"; e do temor, porque "o Espírito testemunha com o nosso espírito que somos filhos de Deus".

É interessante notar que Wesley nunca se referirá à experiência do 24 de maio como origem do metodismo. Para Wesley, o metodismo começa com aqueles momentos históricos que marcam o aparecimento desses grupos e do modo estreitamente comunitário de se viver a fé: Wesley escreverá que o metodismo começou com esse grupo que formava o "clube santo", em 1729. O segundo momento lembrado por Wesley é o de abril de 1736, quando cria um grupo de cristãos em Savannah, na Geórgia. O terceiro momento será o de 1 de maio de 1738, quando cria uma sociedade em Londres, a Sociedade em Fetter Lane, em colaboração com os morávios. A Sociedade Metodista que é lembrada nominalmente como pioneira é a de Bristol, criada a 12 de maio de 1739. A seguir foi criada a Sociedade Metodista da Fundação. Todas as referências de Wesley sobre as origens do metodismo são menções a uma fé que se desenvolve e se amplia pela reunião de companheiros e amigos dispostos a viverem em comum uma fé com reciprocidade existencial e social.<sup>8</sup> Podemos, então, com maior fidelidade ao próprio Wesley, entender que o começo vem pela experiência mais comunitária como origem do povo chamado metodista. A experiência que realmente dá origem ao metodismo foi uma experiência que implica a dimensão pessoal, evidentemente, mas em seu significado comunitário, que envolve companheiros e amigos. Enfatizar o 24 de maio significa acentuar um aspecto individual que o próprio Wesley não enfatiza. Com essa observação

---

<sup>8</sup> O primeiro brote do metodismo aconteceu em 1729, quando quatro de nós nos encontramos em Oxford. O segundo foi em Savannah em abril de 1736, quando vinte ou trinta pessoas nos encontramos, em minha casa. O último foi no dia 1 de maio de 1738, quando quarenta ou cinquenta de nós nos encontramos todas as quartas-feiras à noite para um diálogo franco começando e terminando com cânticos e orações. Deus então nos confiou a origem de um povo santo.

não queremos diminuir o tremendo significado da experiência de 24 de maio de 1738 que completa o quadro da busca e sedimentação do caminho que Wesley experientialmente trilhava. Apenas esperamos que essa experiência seja vista como parte do quadro, não como a síntese dele, que suprime ou subordina o significado de suas outras experiências. Todas as citações que Wesley faz da origem do movimento refletem o conselho do "homem sério". É necessário reunir os amigos, os companheiros que se dispõem a fazer o caminho. A Bíblia não sabe nada de uma religião solitária. Aqui temos uma indicação preciosa para o verdadeiro sentido da "religião social" ou da "santidade social" de Wesley. O "caminho da salvação" ou o "caminho para o céu" de Wesley é um caminho social.

## 2. O caminho da salvação e a motivação originária

Para Wesley, como já exposto, o 24 de maio não é a origem motivadora nem do wesleyanismo, nem do metodismo. São igualmente importantes suas experiências infantis, seu tempo em Oxford, ou suas outras experiências em Londres. De fato, o movimento wesleyano e o cristão Wesley já tinham nascidos antes da experiência de Aldersgate. A experiência de Aldersgate tem seu valor, e não pode ser esquecida como um momento especial no caminho que Wesley faz. Nesse sentido todo o ano de 1738 foi decisivo, tanto nas experiências e ações tomadas antes do 24 de maio, como nas que se seguiram, muitas delas tendo a ver diretamente com aquela experiência. Mas, no todo não podemos atribuir-lhe um valor maior do que tem no conjunto da vida e de experiências desses dez primeiros anos do movimento. O horizonte do caminho da salvação não foi dado na experiência do coração aquecido. O significado deste último é muito mais de uma confirmação e de uma nova experiência da graça, de um grau de evidência da fé antes não experimentado por Wesley. Podemos dizer que um novo impulso foi dado. Mas, o essencial que abre o horizonte já estava posto. Os primeiros dez anos podem ser considerados o da abertura do horizonte e o das bases de ação. A partir da criação das primeiras sociedades Wesley amadurecerá sua visão e consolidará sua teologia. O caminho da salvação terá como ponto focal, orientador do horizonte, a fé e a graça que se fazem visíveis no relacionamento com Deus, com o próximo, com a humanidade, com a natureza, com toda a criação.

1) A fé, para o Wesley que trilha um caminho, é essencialmente relacional e se realiza e se desenvolve pelas relações que se estabelecem. A fé não é um estado da alma que se basta fechada em si mesma. A fé é dada como uma disposição aberta para uma vida em companheirismo com Deus e com a criação. Uma fé relacional implica que nossa consciência dela só se torna possível por um princípio de reciprocidade entre pessoas. Alguns dos teólogos wesleyanos mais importantes apontam para esse dado decisivo, entre eles Theodore. Runyon (2002) e Randy Maddox (1994). A fé relacional mostra uma característica típica da compreensão wesleyana da fé e da graça: para ser vivida, a fé

necessita ser compartilhada. Wesley insiste, em muitas ocasiões, nesse aspecto. Wesley por vezes a traduz como um especial amor a Deus e amor ao próximo que se forma pela comunhão com o amor de Cristo. Muitas das descrições que Wesley oferece dos pecados são categóricas em apontar para o pecado como uma ruptura das relações primordiais do ser humano em relação a Deus, ao próximo e à criação. "Porque a fé é relacional ela deve ser partilhada", afirma S. W. Manskar (2002). As consequências da relacionalidade da fé além da necessidade de serem compartilhadas refletem a natureza social da fé e da salvação, a natureza social da santidade. É nesse contexto, de uma fé entre companheiros do caminho, que Wesley dirá "basta a santidade social". A fé experiencial e prática, a necessidade de convivência e de várias formas de comunidade caracterizem também a relacionalidade social e salvífica da eclesiologia.<sup>9</sup>

2) Essas observações implicam uma compreensão mais ampla do caminho da salvação em Wesley do que algumas versões correntes. Com isso concorda R. Maddox num breve artigo sobre "A reivindicação de uma salvação holística" no qual afirma que a salvação na perspectiva wesleyana é abrangente em suas relações com a sociedade e com a criação. Uma fé relacional implica que as relações interpessoais e sociais sejam conteúdos essenciais do caminho da salvação. Uma fé relacional implica também que ela se concretiza pelas relações que estabelecemos com qualquer realidade. Aqui uma distinção pode ser esclarecedora: o conteúdo da salvação não se estabelece pelo conteúdo doutrinário. O conteúdo doutrinário é apenas uma maneira de precisar o sentido e a compreensão da fé. O conteúdo próprio e concreto da salvação não é nada fixo, formal ou abstrato. A salvação só se concretiza por atos e experiências que determinam novas relações de Deus conosco e de nós mesmos com Deus e com todo ser criado. A salvação se configura historicamente nessas relações. Essa distinção tornou-se fundamental para Wesley. Por mais importante que seja a doutrina da salvação, ela não substitui a vida. Wesley propõe um "cristianismo prático" (*practical Christianity*) no sentido de que é um cristianismo vivido. Antes de ser doutrina, a salvação é caminho. Schleiermacher dará essa mesma ênfase na vida como superior a qualquer dogma. Wesley vê a salvação enquanto salvação social como desdobramento do cristianismo prático e vivido no seio das relações com Deus e com os outros e com a criação.

3) A salvação como "fé relacional" só é possível como cristianismo prático, como caminho. O caminho da salvação tem sua base definida no primeiro Wesley, como dissemos. A salvação, em Wesley, será um tema constante e que evoluirá com sua experiência e estudos. Porém, a base foi colocada. A doutrina, em Wesley, vai junto com a vida e por referência a ela enquanto vivida. A convivência com os companheiros, amigos, grupos de caminho, sociedades cristãs<sup>10</sup>, é tão decisiva como a leitura da Bíblia e da teologia (*practical divinity*). Os escritos cruciais seguem-se ao ano de 1738 e abrem

---

<sup>9</sup> O que torna o princípio da *ecclesiola in ecclesia* (os pequenos grupos na Igreja) uma questão muito maior que o de simples forma ou de um modo opcional de ser Igreja.

<sup>10</sup> Alguns autores como Sugden e Lindstrom (1946) consideram esses pequenos grupos um verdadeiro "laboratório teológico" de Wesley.

um leque de questões teológicas que procuram dar conta do horizonte aberto nos anos originários.

O caminho da salvação, para Wesley, tem como eixo central a visão reformada de Lutero e Calvino. Ao mesmo tempo, só se desenvolverá por uma crítica a esse eixo que resultará numa visão propriamente wesleyana do caminho salvífico.<sup>11</sup> A aproximação a Armínio será uma consequência natural dessa visão crítica em relação aos reformadores: a graça deve ser respondida, correspondida e responsável.<sup>12</sup>

O Sermão 1 dos Standards, sobre A salvação pela fé, foi pregado em junho de 1738, na Universidade de Oxford.<sup>13</sup> O texto bíblico referido foi Efésios 2.8 (em tradução atual, “Pela graça fostes salvos, por meio da fé, e isso não veio de vós, é dom de Deus”). Neste sermão já encontramos o núcleo da compreensão wesleyana da salvação e a direção que o autor tomará em relação a Lutero e Calvino. A iniciativa absoluta da graça recebe toda ênfase possível; o pecado é como a árvore que não pode dar bons frutos se não houver uma intervenção divina; “a graça é a fonte, e a fé é a condição da salvação”; a fé que salva não é a fé do pagão, a fé intelectual, um assentimento frio, nem mesmo a fé dos apóstolos antes da ressurreição, mas a fé em Deus mediante Cristo que gera confiança e esperança: “é uma disposição de coração [...] é sustentar-se em Cristo como nossa remissão e nossa vida dada por nós e vivendo em nós, é aproximar-se e ater-se a Ele como nossa sabedoria, justificação, santificação e redenção, ou, em uma palavra, nossa salvação.” Note-se as diferentes formas de expressão e a sequência: sabedoria, justificação, redenção. Todas as formas da graça de Deus se resumem “em uma palavra, nossa salvação”. Essa salvação inclui “a liberação do poder do pecado, mediante o Cristo formado no coração”. Somos salvos do temor servil (conservamos o temor filial) “mas não da possibilidade de cair da graça”. Wesley já vê a salvação como um processo responsável que inclui a vida como um todo e que se desdobra como vida que se recria, renasce, renova.

“Quem foi justificado ou salvo mediante a fé, verdadeiramente nasceu de novo. Nasceu de novo do Espírito, para uma vida que está escondida com Cristo em Deus. Como a criança recém nascida, recebe o ádolon, o leite espiritual não adulterado, e por ele cresce, no poder da força do Senhor, pela fé e para a fé, graça sobre graça, até chegar a ser um homem perfeito à medida plena e estatura de Cristo”.

Também nesse sermão Wesley defende a necessidade de colocar a salvação em operação através da vida de santidade, não para que alguém se glorie, mas para Deus

---

<sup>11</sup> O desacordo de Wesley com Lutero na questão da relação lei e evangelho e o Deus que se revela e que se esconde, o levará a uma distinção teórica e prática entre graça justificadora e graça santificadora. Contra Calvino, Wesley oporá a efetividade da liberdade humana e sua responsabilidade no caminho da salvação. A salvação é um processo que se desenvolve com a criação e com nossa participação nela

<sup>12</sup> u como “responsible grace”, segundo a expressão de R. Maddox

<sup>13</sup> Os quatro primeiros volumes das Obras de Wesley contêm os sermões. A salvação pela fé, é o sermão 1, do Tomo I. Foi quase imediatamente publicado por escrito e teve, informa-nos Baker, nada menos que 35 edições durante a vida de Wesley.

“que faz todas as coisas em todos”. Para Wesley, o caminho da salvação é a doutrina fundamental e que deve ser pregada a todos sem excluir ninguém:

A quem vamos excluir? Os pobres? Estes têm um direito especial para que se pregue a eles o evangelho. Os incultos? Não, pois desde o início Deus tem se revelado aos simples e ignorantes. As crianças? Deixai vir a mim os pequeninos e não os impeçais. Aos pecadores? Menos ainda, pois Jesus veio chamar os pecadores, e não aos justos, ao arrependimento.”

Wesley fará um outro sermão em torno do texto de Ef 2.8, muito posterior ao primeiro, provavelmente já nos anos sessenta do séc. XVIII.<sup>17</sup> Revela uma elaboração muito maior e uma forma mais sistemática. Trata-se do famoso sermão sobre O caminho da salvação segundo as Escrituras. O sermão amplia-se e sistematiza-se especialmente na melhor descrição das formas de graça, nos modos de fé, e nos caminhos de trabalhar a salvação. Wesley procura corrigir qualquer entendimento do caminho da salvação – ou caminho para o céu – que não seja algo vivo e presente. Escreve ele:

Primeiramente perguntemos 'que é a salvação?' A salvação da qual se fala aqui não é o que freqüentemente se entende por essa palavra: ir para o céu, a felicidade eterna. Não significa que a alma vai ao paraíso chamado, 'o seio de Abraão, através de Nosso Senhor. Não se trata de uma bênção que se acha do outro lado da morte, ou, como dizemos, do outro mundo... Não se trata de algo distante: é algo presente, uma bênção mediante a misericórdia gratuita de Deus, da qual se tem a posse agora.... De modo que a salvação da qual se fala aqui se estende a toda a obra de Deus e desde sua primeira aparição na alma até que seja consumada na glória. (Wesley, 1996 [vol. 3], p. 90).

A expressão “salvação” que se estende a toda obra de Deus” é uma forma de dizer que a salvação resume toda a obra da graça de Deus. A salvação está sempre presente e oferece a visão abrangente da graça como “a inteira obra de Deus”. A. Oden (2003, p. 12-13) cunhou uma expressão que me parece bastante apropriada quando fala de “uma visão expansiva da salvação” a propósito deste sermão. Esta expressão caracteriza bem a visão mesma que Wesley tem da salvação como inclusiva de todas as formas de graça e envolvendo todas as formas de vida e do mundo criado.

O terceiro sermão sobre o qual devemos fazer referência é o que leva o título *Trabalhando por nossa própria salvação* (Wesley, 1996, [vol. 4], p. 115-127).<sup>14</sup> Este sermão é importante para entender o conceito wesleyano de “ordem da salvação”. Escreve Colin Williams que “uma preocupação teológica é de conduzir o homem pelo caminho da salvação, cuidadosamente demarcando o caminho que ele deve tomar e tendo adiante de si a graça de Deus que o capacita para caminhar e fazer o caminho.” (Williams, 1960, p. 39). No sermão, Wesley sumariza – transcrevemos todo o parágrafo – a ordem da salvação do seguinte modo:

Passemos agora ao segundo ponto: se Deus “opera em vós” então “ocupem-se de vossa salvação”. A palavra que foi traduzida pó “ocupar-se” tem, no texto original, a conotação de fazer algo concretamente. “Sua própria salvação”, isto é, algo que vocês mesmos devem fazer, do contrário

---

<sup>14</sup> O texto bíblico é Filipenses 2.12-13: "Ocupai-vos em vossa salvação com temor e tremor, porque Deus é o que produz em vós o querer como o fazer, por sua boa vontade".

ninguém poderá fazer por vocês. “Sua própria salvação” que começa com o que, muito acertadamente, se chamou de “graça preveniente”. Referimonos assim ao desejo primeiro de agradar a Deus, ao primeiro sinal de conhecimento de sua vontade, e ter essa primeira leve e transitória sensação de que temos pecado contra ele. Tudo é já sinal de vida, de certo grau de salvação, é o primeiro passo para nos livrarmos de nossa cegueira e insensibilidade para Deus e tudo o que se refere a ele. Essa salvação prossegue com a “graça convincente”, geralmente denominada de “arrependimento” nas Escrituras, que nos permite alcançarmos um melhor conhecimento de nós mesmos e avançarmos no processo de libertarmos-nos de nossos corações de pedra. A seguir experimentamos a verdadeira salvação de Cristo, mediante a qual “pela graça somos salvos, mediante a fé”. Essa salvação compreende duas grandes áreas: justificação e santificação. Por meio da justificação somos salvos da culpa do pecado, e recuperamos o favor de Deus. A santificação nos livra do poder e da fonte do pecado, e assim recuperamos a imagem de Deus. Sabemos por experiência e pelas Escrituras que esta salvação é ao mesmo tempo instantânea e gradual. Começa no momento em que somos justificados pelo santo, humilde e paciente amor de Deus [para com] o ser humano. E a partir desse momento cresce lentamente, como o grão de mostarda, a mais pequena de todas as sementes, para lentamente se fazer árvore, e as aves fazem em seus ramos os ninhos. Em um instante o coração fica limpo de todo pecado e cheio de amor para com Deus e as outras pessoas. E esse amor se fortalece mais e mais, até que crescamos em tudo até àquele que é o cabeça, até que odos cheguemos à medida da estatura da plenitude de Cristo.

Neste sumário fica claro que a questão, para Wesley, é de balizar o caminho da salvação desde a condição humana de afastamento e egoísmo até a plenitude do ser humano que se completa quando somos recriados em Cristo, à sua imagem e semelhança. É claro que há uma relação profunda entre a antropologia e a graça, e que Wesley propõe uma compreensão da salvação como processo, como desenvolvimento que necessita ser operado em parte por nós mesmos. Wesley usa a expressão “*work out the salvation*”, trabalhar produtivamente a salvação. Se entendermos que é a salvação como processo que conjuga o entendimento da graça, podemos mais facilmente compreender a forma diferenciada dessa compreensão em relação a Lutero e Calvino. A dialética entre graça e resposta humana (responsabilidade) fica mais clara dentro da dialética mais global da ordem da salvação. A idéia de Maddox – de graça responsável – adquire, então, todo seu conteúdo, mas contra ele próprio: o conceito articulador da teologia wesleyana não é, como ele propõe, a graça e, sim, o caminho da salvação.

Quando Wesley publica os sermões em 1746<sup>15</sup>, a principal fonte de seu pensamento teológico (“toda pessoa séria que estude estes sermões verá quais são as doutrinas que eu sustento”), o prefácio dá o caminho da salvação como a preocupação de fundo de Wesley. Escreve ele:

Penso que sou uma criatura de um só dia, que passa pela vida como uma flecha corta os ares. ... Só uma coisa desejo saber: o caminho para o céu; como chegar a salvo a essa costa feliz. Deus mesmo se dignou em mostrar o caminho. Por isso desceu do céu. E o escreveu em um livro. Dá-me esse livro! ... Em sua presença abro e leio esse livro. Abro-o com o propósito de encontrar o caminho para o céu. ... Trato de assentar por escrito nos sermões que seguem o que encontro na Bíblia a respeito do caminho do céu, com o propósito de distingui-lo das intervenções humanas.

---

<sup>15</sup> Os sermões de Wesley foram publicados a primeira vez em 1746. O prefácio a que nos referimos a seguir pode ser consultado em John Wesley (1996 [vol. 1], pp. 19-23)

Esforcei-me por descrever a religião verdadeira, bíblica e da experiência ... Meu mais fervente desejo é guardar do mero formalismo, da religião puramente externa, aqueles que começam a dirigir-se para o céu (que por conhecerem pouco as coisas de Deus correm o risco de se desencaminharem)

E a seguir Wesley afirma que, se há os que acham que não segue o caminho certo, então lhe mostrem um outro melhor com provas claras da Escritura e da experiência. “E se me demoro por algum tempo no caminho que estou acostumado a andar... tenha comigo um pouco de paciência... Apenas posso caminhar lenta e pausadamente, e se me maltratas não posso dar um só passo.” Um texto como esse não pode ser lido como comprovação de um “individualismo da salvação”, em Wesley, sem uma total deformação de sua teologia, como tentamos mostrar na seção anterior. “Wesley tem salvação da alma humana como tema central dos seus princípios doutrinários, a respeito de Deus, Cristo e o Espírito Santo”, afirmam Burtner e Chiles (1960, p. 43). A primeira articulação teológica da construção wesleyana é a do homem carente de salvação correlacionado com o Deus salvador e o processo de redenção. O ponto de encontro entre o homem caído e Deus é a graça salvadora. Citando novamente a Chiles e Burtner,

[...] por causa da conjunção das idéias do homem natural e graça salvadora muitos dos sermões de Wesley seguem um modelo comum, afirmando primeiramente a incapacidade do homem e então a sua capacidade para a salvação. Wesley pode dizer sem contradição teológica: “o senhor nada pode fazer para salvar-se” e “o senhor precisa realizar a sua própria salvação (1960, p.109).

A salvação incorpora a graça e a responsabilidade como os passos no caminho da salvação que Deus dá e que nós damos.

4) A “visão expansiva da salvação” tem como centro irradiador a fé pessoal, mas que engloba em círculos concêntricos todas as dimensões da realidade. A idéia que comanda essa visão expansiva é a de nova criação. O movimento é muito típico do pensamento paulino. O novo homem (o novo Adão = Cristo), a nova criatura, é parte de uma comunidade que é o novo povo de Deus, que antecipa a nova humanidade, a nova cidade, a nova criação. A nova criação sintetiza o horizonte salvífico de Wesley. Essa visão expansiva da salvação tem uma tendência inclusiva de toda realidade criada. É essencial para a visão libertadora da teologia wesleyana. Nesse sentido, a obra de Runyon, *A Nova Criação*, é essencial.

### 3. O caminho da salvação articula a compreensão da graça

Randy Maddox, autor de um livro muito interessante e importante sob inúmeros aspectos, *The Responsible Grace* (A graça responsável), equivoca-se, no meu entender, de um modo que contraria o seu propósito de reconhecer o conceito orientador da teologia de Wesley. Num artigo projetivo sobre “A graça responsável: perspectiva sistemática da teologia wesleyana” (Maddox, 1994, pp. 7-22) o autor pretende “liberar Wesley da tradição dos últimos teólogos wesleyanos que perderam o movimento dinâmico incorporado no conceito de graça responsável”. Argumenta a partir da obra de

Gerhard Sauter (1976) que aproxima as idéias da Escola de Frankfurt à teologia. Utiliza-se de Sauter e de sua idéia de “conceito orientador”<sup>16</sup> como sendo aquele capaz de integrar numa perspectiva temática integrativa de um pensamento que, mesmo não tendo a finalidade de sistematizar, constrói contornos sistemáticos. Cita como exemplos claros os conceitos de justificação pela fé, conceito orientador de Lutero e articulador de sua teologia, e o conceito de soberania e majestade de Deus, como conceito orientador e articulador da obra de Calvino.

Em relação a Wesley, Maddox assume uma posição contrária ao conceito de “caminho da salvação” como conceito orientador. Com isso, opõe-se a muitos dos melhores teólogos wesleyanos. Seu argumento mais à vista é que a idéia de “caminho da salvação” ou “caminho para o céu” seria entendida como um caminho individual de salvação. Ora, tratamos de mostrar que este não é, de modo algum, o caso. Essas expressões, para serem entendidas no sentido apontado por Maddox, teriam que ser retiradas do seu contexto e do processo de vida vivida por Wesley e, ainda, serem interpretadas de uma forma muito superficial do que o real contexto em que elas aparecem. O caminho da salvação e do Deus libertador tem a ver com a graça de Deus e com a dialética da graça e da responsabilidade humana. O caminho da salvação (*via salutis*) ou, mais abstratamente, a “ordem da salvação” (*ordo salutis*), que implica mais diretamente em nossa experiência e nossa prática, tem mais a ver com a antropologia e a situação humana em toda sua amplitude – e mais profundamente enraíza a teologia no mundo e na realidade – que uma teologia que coloca a graça como ponto de partida e como um conceito prévio que articula os outros elementos da teologia. O “caminho da salvação”, ao contrário de degradar a responsabilidade humana, é a sua condição mesma para não eliminar o espaço humano, como são acusados de o fazerem, pelo menos parcialmente, tanto Calvino quanto Lutero. Todos os três, Lutero, Calvino e Wesley, são teólogos da graça de Deus (é um princípio típico da Reforma) e os argumentos de Maddox deveriam valer para eles também (todos eles têm espaço para se trabalhar a idéia de graça em nosso tempo). Mas Maddox não aplica o mesmo argumento a Lutero e Calvino que, preservadas as diferenças, também poderiam ser vistos mediante o conceito orientador de ‘graça responsável’. A diferença fundamental, que faz Wesley pensar de modo distinto a graça divina, é dada nos conceitos de experiência, de cristianismo prático, de condição humana experienciável pessoal e socialmente: essas idéias são dadas, em Wesley, na busca do caminho da salvação. A diferença é que Wesley parte ‘de baixo’ no seu cristianismo prático. A graça de Deus é entendida como etapas desse caminho e desse caminhar. Daí porque Wesley seleciona tais ou tais formas de graça e não outras. A graça de Deus é balizada, na expressão de Colin Williams, como caminho da salvação.

As idéias de Maddox sobre a graça responsável são importantes. Elas nos lembram algumas das idéias do luterano Bonhoeffer. Essas idéias, porém, cabem muito melhor (e

---

<sup>16</sup> Sauter usa os termos *Orientierungsbegriff* e *Leitbegriff*.

de forma muito mais próxima de uma teologia latino-americana) se vistas no quadro do caminho da salvação (ou do caminho da libertação) do que se tomando a idéia de graça como a do conceito que exerce o papel orientador e articulador da teologia Wesleyana. O caminho da salvação, para Wesley, inclui a graça que inicia o processo, a graça que abre o processo na pessoa, a graça que opera a justificação, a graça que conduz o processo à sua realização mais plena, e a graça que consuma a nova criação quando Deus será tudo em todos. O caminho expansivo da salvação inclui a dialética de parte e todo, de ação de Deus e responsabilidade humana, o pessoal e o social, e abre uma visão inclusiva para as culturas, todos os seres vivos da criação e toda a criação. De fato, na argumentação de Maddox algumas de suas melhores contribuições se fortalecem no contexto do ‘caminho da salvação’ do que no de ‘graça responsável’ por ele proposto. Na verdade, as duas afirmações conceituais são possíveis para uma articulação da teologia wesleyana uma vez que são correlatas entre si (graça-salvação – salvação-graça); a preferência pela articulação em torno de ‘caminho da salvação’ vem da constatação de que esta parte mais de baixo – e toma mais em consideração a antropologia (apesar da responsável, ainda que com visões bastante diferentes, como os teólogos calvinistas e luteranos os interpretam alegação de Maddox em contrário) – do que a teologia que, partindo do alto, já começa falando da ‘graça de Deus’.

### Referências bibliográfica

Burtner, R. e Chiles, R. (1960). *Coletânea da Teologia de João Wesley*. São Paulo: JUGECE, 1960.

[https://www.metodista.org.br/wp-content/uploads/2025/09/Coletanea\\_da\\_Teologia\\_de\\_Joao\\_Wesley.pdf](https://www.metodista.org.br/wp-content/uploads/2025/09/Coletanea_da_Teologia_de_Joao_Wesley.pdf)

Law, W. (2022). *Uma chamada séria a uma vida santa e devota* (S. Dutra, Trad.). Clube de Autores. [1ª ed do original: 1729]

Law, W. (1981). *A treatise upon Christian perfection* (E. W. Rudolph, Trad. & Ed.). Bethany House Publishers. [1ª ed do original: 1726].

Law, W. (1883). *A treatise upon Christian perfection* (E. W. Rudolph, Trad. & Ed.). Bethany House Publishers. [edição fac-simile da edição de 1726]

<https://wesleyscholar.com/wp-content/uploads/2019/01/Works-vol-3.pdf>

Lindström, H. (1946). *Wesley and sanctification: A study in the doctrine of salvation*. London: Epworth Press.

<https://swartzentrover.com/cotor/E-Books/holiness/Sanctification/Wesley%20and%20Sanctification.pdf>

Maddox, R. (1999). *Responsible Grace*. Nashville: Kingswood Books, 1999.

<https://archive.org/details/responsiblegrace0000madd>

Maddox, R. (1984). Responsible Grace: The Systematic Perspective of Wesleyan Theology. *Wesleyan Theological Journal* 19(2), 7-22.

<https://dukespace.lib.duke.edu/server/api/core/bitstreams/9ee1b0c4-6189-4f7b-b684-3d1c50929d2e/content>

Manska, S. W. (2002). *Small groups and accountability: the Wesleyan way of Christian formation*. Estudo apresentado no 11º Oxford Institute for Methodist Theological Studies.

<https://oxford-institute.org/wp-content/uploads/2013/04/2002-8-manskar.pdf>

Oden, A. (maio/jun. 2003). The Entire Work of God”, *Circuit Rider*, p. 12- 13.

Renders, H. (2006). *A soteriologia social de John Wesley: com consideração especial dos seus aspectos comunitários, sinérgicos e públicos*. Tese de Doutorado (PPG em Ciências de Religião, Umesp). São Bernardo do Campo, SP, 2006. 404 f.

[https://www.academia.edu/5660403/RENDERS\\_Helmut\\_A\\_soteriologia\\_social\\_de\\_John\\_Wesley\\_e\\_seus\\_aspectos\\_comunit%C3%A1rios\\_sin%C3%A9rgicos\\_e\\_p%C3%BAblicos\\_SBC\\_SP\\_2006\\_404\\_f\\_Tese\\_de\\_Doutorado\\_PPG\\_em\\_Ci%C3%Ancias\\_de\\_Reli%C3%A3o\\_Umesp\\_sm=a&rhid=40424790112](https://www.academia.edu/5660403/RENDERS_Helmut_A_soteriologia_social_de_John_Wesley_e_seus_aspectos_comunit%C3%A1rios_sin%C3%A9rgicos_e_p%C3%BAblicos_SBC_SP_2006_404_f_Tese_de_Doutorado_PPG_em_Ci%C3%Ancias_de_Reli%C3%A3o_Umesp_sm=a&rhid=40424790112)

Runyon, T. (2002). *A Nova Criação*, São Bernardo do Campo, SP: Editeo.

SAUTER, Gerhard. *Arbeitsweisen systematischer Theologie: eine Anleitung*. München: Kaiser Verlag, 1976.

Wesley, J. (1996ss). *Obras de Wesley*. Editor geral: Gonzáles, J. L. 14 vol. Henrico: NC: Wesley Heritage Foundation

<https://www.whdl.org/es/browse/resources/7070>

Williams, C. (1960). *John Wesley's theology today*. Nashville: Abingdon Press.

<https://archive.org/details/johnwesleytheol0000coli>